

FITRef – Faculdade Internacional de Teologia Reformada

DISCIPLINA: TS 601 O Espírito Santo e a Igreja

DEPARTAMENTO: Teologia Sistemática

CURSO: Mestrado

Resenha do livro: O Espírito Santo - Por Sinclair B. Ferguson

PROFESSOR: Rev. Dr. Leandro Antônio de Lima

Aluno: César Miranda dos Santos

Assunto Central

Neste precioso material, parte de uma série: *Contours of Christian Theology*, Schaeffer objetiva delinear a revelação da identidade e da obra da pessoa do Espírito de uma forma bíblico-teológica e histórico-redentiva. Com as reflexões deste livro o autor ainda tem o alvo de propiciar uma comunhão pessoal e íntima com o Espírito, que conduz os crentes a adorar, glorificar e obedecer ao Pai e ao Filho.

Resumo dos Capítulos

1. O ESPÍRITO SANTO & SUA HISTÓRIA

No início da história da igreja, a preocupação principal foi com a pessoa de Cristo, e o Espírito Santo recebeu menor atenção. Durante a Reforma, a obra do Espírito Santo foi enfatizada. Mas, ordinariamente, a pessoa e a obra do Espírito nem sempre tiveram atenção adequada. Geralmente foi estudado junto com a Trindade ou dentro da Soteriologia. O autor aponta que o Espírito Santo ordinariamente é visto como distante e impessoal em comparação com o Pai e o Filho. Na bíblia os termos usados para “espírito” (*Heb. ruach; Gr. pneuma*) são onomatopeicos, comunicando a expulsão do vento ou fôlego, expressando poder e energia. O termo veterotestamentário, *ruach*, frisa a presença de energia e atividade, a força irresistível de Deus na criação. Ele não pode ser “dominado” pelos homens, antes é capaz de subjugar todas as coisas para o cumprimento de seu propósito pessoal. Fazendo um resgate desde Genesis o autor mostra o Espírito como Criador. Esclarece uma conexão entre o verbo pairar” do *ruach elohim* sobre a criação insipiente e a presença do Espírito de Deus na obra de redenção, sugerindo que que *ruach elohim*, Gn 1.2, visava a denotar o Espírito divino. A atividade do divino *ruach* é a da presença de Deus na criação que ordena e completa o que fora planejado. É o papel que o Espírito, cumpre em toda bíblia. No Novo Testamento, o Espírito atua na concretização da redenção: o Pai envia, o Filho vem, o Espírito vindica; o Pai planeja, o Filho se sacrifica e ressuscita e o Espírito aplica. O Espírito de Deus é também o executivo da presença de Deus na administração da ordem criada, tendo uma presença governante e implementando a obra de

“recriação”. Ele capacita o povo de Deus com dons e talentos e atua também em uma obra que é moral e redentiva. Ressalta-se que qualquer teologia bíblica da obra do Espírito deve reconhecer o caráter progressivo e cumulativo da revelação histórica. A atividade do Espírito no Antigo Testamento, envolvia renovação pessoal da natureza moral e espiritual. No discernimento neotestamentário da salvação, certas características morais e espirituais são produzidas exclusivamente pelo Espírito, as quais já foram exemplificadas pelos crentes do Antigo Testamento. Adverte-se, porém, quanto ao risco de uma teologia do Espírito que reconheça a continuidade da revelação, de se enfatizar tanto a continuidade ao ponto de se nivelar os contornos da história da redenção e de se enfraquecer a sua diversidade e desenvolvimento até a plenitude dos tempos. Pelo Espírito servos nos períodos do Antigo e Novo Testamentos foram inspirados e registraram a revelação de especial de Deus.

2. O ESPÍRITO DE CRISTO

Nesse capítulo se ressalta a atuação do Espírito como principal testemunha de Cristo a quem ele enviaria da parte do Pai, o Espírito é o *paraklētos*. Termo que aponta alguém chamado para o auxílio ou defesa de outrem, um “consolador” que vem fortalecer. No Evangelho de João o termo possui uma conotação forense, como um advogado que testifica de Cristo. Naquele contexto cultural tal advogado seria alguém cujo relacionamento com o acusado o capacitava a falar com autoridade. O autor aponta que o “Espírito Santo era o companheiro inseparável de Jesus Cristo”, um relacionamento que está implícito nas palavras de Paulo em Romanos 8.9-10, onde o Espírito e Cristo são termos intercambiáveis. O Novo Testamento se refere ao ministério do Espírito ao longo de toda a vida de Jesus, desde o ventre de sua mãe até o túmulo e além dele. Nesse sentido o autor descreve três estágios, a saber: Estágio I: Concepção, nascimento e crescimento; Estágio II: Batismo, Tentações e Ministério; Estágio III: Morte, Ressurreição e Ascensão. Com a análise desses estágios ou fases evidencia-se que o ministério do Espírito tem uma identificação crescente com Jesus Cristo e o autor aponta como função primordial do Espírito na vida do crente o fato de que ele “vir a nós para transformar-nos, tornando-nos semelhantes a Cristo, outorgando-nos a graça de passarmos de um grau a outro de glória”.

3. O DOM DO ESPÍRITO

Ferguson esclarece que o Pentecostes, de forma pública, marca a transição ou a inauguração da nova era na qual “a vida escatológica do futuro invade a presente era ruim de uma maneira proléptica”. Ele aponta dois vínculos ou ligações no Novo Testamento, que apesar de distintos são harmoniosos, para interpretação dos eventos do Pentecostes, os Evangelhos de Lucas e de João. Neles destacam-se as diferenças entre o batismo que Jesus recebeu no Jordão e o batismo que ele inicia no Pentecostes.

O batismo de Jesus seria com o Espírito e com fogo, introduzindo a era messiânica. O simbolismo das línguas de fogo vistas no Dia de Pentecostes seria uma insinuação de um batismo de poder gracioso, em vez de poder destrutivo, tendo em vista o juízo que Cristo havia suportado em seu sacrifício substitutivo. As promessas feitas na história da redenção são cumpridas pelo poder do Espírito, que alcançaria todas as famílias da terra. Pentecostes é um evento de grande significação nessa história. Assim como no Calvário “os padrões e promessas veterotestamentários encontraram seu cumprimento, o mesmo se dá no Pentecostes”. Quanto ao registro de Jo 20 o autor entende que os atos de Jesus pareciam ser em grande escala simbólicos, não tendo havido um pentecoste Joanino. Se observa que o enfoque no Evangelho de João está no fundamento teológico para a fé e recepção do Espírito, já em Lucas está no desenvolvimento da forma histórico-redentiva da vinda do Espírito. Em João 14 a 16 aponta-se para quatro aspectos do ministério do Espírito, a saber: Convicção de pecados/ Conversão; Inspiração/redação das Escrituras; Comunhão/ com Cristo e com a Igreja; Processão/ com a revelação progressiva, histórica, cristocêntrica e de forma plena, esclarecendo que o Espírito procede do Pai e do Filho. Em seu mistério o Espírito aponta para a glória da comunhão do cristão com Deus Pai e com o Deus Filho.

4. PENTECOSTES HOJE?

Nesse capítulo vê-se que os discípulos, que testemunharam o Pentecostes, já eram crentes genuínos e tinham sido “purificados” e unidos a Cristo. Entretanto não tinham recebido o batismo do Espírito que fora prometido pelos profetas e por Jesus. Deve-se entender que “sua experiência do Espírito era progressiva em seu caráter”, porém não foi uma experiência paradigmática para a igreja, pois somente eles vivenciaram o período de transição da fé da antiga para a nova dispensação do Pacto da Graça. Quanto às ocorrências da vinda do Espírito em Samaria, no lar de Cornélio, e em Éfeso, semelhantemente encontramos crentes (regenerados) que ainda não haviam recebido o Espírito. Em Atos há um modelo de acesso, em dois estágios, à posse da benção plena do Espírito, a saber, regeneração pelo Espírito (conversão e iniciação) e Batismo com o Espírito. Entretanto Atos descreve o Pentecostes como um evento histórico-redentivo, a ser interpretado como escatológico e cristológico e não como existencial ou pneumatológico. Tal evento faz parte de um caráter decisivo, uma vez para sempre, de todo evento que envolve Cristo (morte, ressurreição e ascensão de Jesus). O autor lembra que a doutrina dos dois estágios, constitui um princípio hermenêutico básico e “não devemos buscar extrair de Atos qualquer doutrina, justamente como não devemos tentar fazê-lo dos livros dos Reis”. Logo a estrutura da teologia cristã não pode ser derivada de incidentes históricos, antes deve radicar-se na exposição e prescrição teológicas da Escritura como um todo. A experiência dos apóstolos em dois estágios ocorreu em virtude da própria natureza da história redentiva, mas hoje se tornou uma

realidade unificada na conversão dos crentes. Entretanto a realidade ou evento do “encher do Espírito”, embora extraordinários em si, registrado em Atos e em outras passagens, não é um fenômeno isolado. Neste momento Ferguson faz uma ótima definição de avivamento como momentos em que: “crentes são despertados e os não-cristãos são introduzidos no reino em grande número, cada um com o senso individual de pecado e necessidade, mas no contexto de um amplo senso da presença e poder do Espírito Santo”. Fica claro que existem duas dimensões para o Pentecostes: uma histórico-redentiva e outra existencial-pessoal. “O primeiro elemento ocorre uma vez para sempre e não se repete; o segundo elemento deve ser visto como aspectos do ministério contínuo do Espírito”. Há o risco de que a relação de cada elemento da *ordo salutis* com o próprio Cristo seja obscurecida.

5. O ESPÍRITO DE ORDEM

A atividade do Espírito é escatológica, marcando a inauguração da glória do último dia, mas é semi-escatológica, pois se caracteriza por estar incompleta. Tal glória Deus já restaurou em Cristo, a cabeça da nova criação, mais inda aguarda o evento futuro. Quanto à *ordo salutis* se evidencia que há desacordo sobre a ordem envolvida mesmo entre os teólogos reformados. Porém é discussão importante pela compreensão do modo como o Espírito opera no indivíduo. Entretanto tal discussão e mesmo a definição da *ordo salutis*, como adverte Ferguson: “corre o risco de deslocar Cristo do seu lugar central na soteriologia. Os frutos de sua obra podem ser relacionados uns com os outros na cadeia de sequência causa e efeito, em vez de vistos fundamentalmente em relação à obra do Espírito em introduzir-nos na união e comunhão com o próprio Cristo”. O Espírito atua revelando a Cristo e unindo-o e a todos os que são participantes de seu corpo. Essa abordagem promove uma saudável centralidade de Cristo e evita o risco de isolar os efeitos do evangelho da fé no próprio Cristo como Salvador e Senhor. De fato, há uma estrutura escatológica (já/ainda-não) para cada aspecto da soteriologia. Assim todos os elementos da *ordo salutis* são uma realidade presente, mas ainda aguardam a consumação. O autor aponta ainda uma perspectiva de simultaneidade da benção redentiva em união com Cristo, através do Espírito, que está radicada na estrutura escatológica da teologia paulina. Ele afirma: “no caso dos crentes, estar unido a Cristo pelo Espírito significa ter parte em sua justificação, adoção, santificação e glorificação. Em Cristo, estas coisas são nossas imediata, escatológica e simultaneamente”.

6. O ESPÍRITO RECRIADOR

O Espírito nos conduz numa união com Cristo que é multidimensional. Em Cristo ingressamos na nova criação, “a velha ordem de pecado e morte, a era dominada pela carne e pelo diabo, cedeu lugar a uma nova ordem de realidade na ressurreição de Cristo”. Ferguson lembra que os principais

pensadores da Reforma enfatizaram o papel e a necessidade do batismo como o sinal da regeneração, mas “argumentavam que qualquer identificação dos dois tem de ser vista como sacramental e mecânica; o sinal e o elemento significado não devem ser confundidos, como se a graça indicada pelo sinal estivesse contida nele”. No Novo Testamento a palavra regeneração (*palingenesia*) denotava tanto o fenômeno da mudança espiritual de dentro, como a transformação de fora, causada pela comunhão do Espírito com o Cristo ressurreto. Na regeneração há uma ação monérgica de Deus, mas a vontade humana não é forçada. Nela o converso tem seus olhos espirituais abertos, tem libertação da vontade pecaminosa, é purificado e recebe coração novo. Ainda que o novo crente não se torne santo como poderia ser, não existe nenhuma parte de sua vida que não seja influenciada pela regeneração. Neste capítulo a autor mostra claramente que a fé e o arrependimento são também expressões da regeneração, e aspectos necessários da vida cristã “não meramente inaugurais, mas característicos e frutos do ministério contínuo do Espírito”.

7. O ESPÍRITO DE SANTIDADE

Na regeneração o Espírito atua a fim de unir-nos a Cristo, para nos transformar na semelhança dele, essa é a santificação. O homem foi criado (*Imago Dei*) para refletir, expressar e participar da glória de Deus como criatura. A restauração a este estado ocorre na obra de santificação. O Espírito transforma eleitos naqueles que portam a imagem em glória, torna-os participantes da natureza divina. No Antigo Testamento a Santificação envolve “os primeiros passos infantis do filho adotivo de Deus na vereda, buscando expressar a plena e final glória de Deus”. Naquele contexto a pessoa e o caráter de Deus fornecem motivo para santificação: ele é Santo, portanto seu povo deve ser santo. Deus é também o agente da santificação, é o Senhor que santifica seu povo. Ainda que no N.T. o alvo e o padrão sejam os mesmos, a saber, a restauração da imagem divina e os indicativos da autorrevelação de Deus, o motivo, o alvo e o padrão são mais agudamente focalizados, em Cristo. O que era obscuro fica claro, pois santidade é semelhança com Cristo e o Espírito Santo é o agente da transformação. Cristo, como o Sumo Sacerdote, foi santificado por nós. O autor afirma: “Visto a semelhança com Cristo ser a plena expressão da imagem de Deus no homem, genuína santificação é genuína humanidade. Nossa santificação é a santificação do próprio Cristo em nossa humanidade progressivamente aplicada a nós e realizada em nós através do ministério do Espírito Santo”. Os regenerados têm uma identidade nova pelo laço de união que o Espírito cria entre eles e Cristo. Eles morreram para o pecado e não podem continuar vivendo nele, continuar em pecado seria negar nossa identidade básica como cristãos. Ainda assim é real e terrível a luta entre carne e espírito, entre o velho e o novo homem. Na santificação o crente deve, diariamente, mortificar a carne, morrer com Cristo. Deus nos conforma à imagem de seu Filho, empregando o padrão que usou quando seu Filho. Como

afirma o autor: “Era-lhe necessário morrer e ressuscitar, para que pudesse entrar em sua glória. Não é menos necessário que se formule analogicamente o padrão em nossas vidas, para que também, por fim, sejamos conformados com a imagem da glória de Deus”.

8. A COMUNHÃO DO ESPÍRITO

O Espírito cria comunhão nas bênçãos do evangelho no contexto da igreja de Cristo. Esta Comunhão se expressa plenamente na vida e ministério de Jesus, aquele que é ungido com a presença e poder do Espírito. Pela obra de Jesus vem a dádiva do Espírito para habitar os crentes, no presente habita corpos corruptíveis e frágeis, mas no futuro transformará toda a existência e seremos glorificados. Mas o autor ressalta que “a obra escatológica do Espírito não se limita ao futuro. Ele invade o presente na forma proléptica através de sua habitação”. Volta-se à tratar da realidade do já e ainda não com três conhecidas metáforas, a saber, o penhor, as primícias e o selo. Outra preciosa descrição dada ao Espírito é como Espírito de adoção ou de filiação, pois os crentes (como filhos de Deus) devem evidenciar uma “familiar peculiaridade da santidade, e isso implica fazer morrer o pecado através do poder do Espírito que neles habita”. Por meio do Espírito se vivencia o mesmo status de filiação que Jesus experimentou, no contexto da humanidade, tem-se a evidência experimental da adoção. Como o *Paráclito*, que é semelhante a Cristo, o Espírito cumpre a função de mestre (iluminando os discípulos) e de intercessor (assistindo o crente nas petições).

9. O ESPÍRITO & O CORPO

Cristo está chamando para si não apenas indivíduos, mas uma *ekklēsia*, uma assembleia, um corpo. O Espírito não isola indivíduos, mas cria uma comunidade, a qual é constituída de muitas partes. O ingresso nesse corpo é efetuado pelo batismo do Espírito. “Cristo é o Senhor e governante tanto do *kosmos* como da *ekklēsia*. Indivíduos são introduzidos na igreja, a qual é o corpo de Cristo, que é a sociedade daqueles que, em virtude de sua união com Cristo, pela graça e fé, são inextricavelmente unidos num só feixe de vida; pertencem uns aos outros porque pertencem a Cristo, seu Senhor e cabeça”. Todo verdadeiro crente é batizado, por Cristo, num só corpo e o Espírito Santo é o instrumento desse batismo. Dissertando sobre os sacramentos o autor adverte para dois riscos de erros, a saber, “o erro de subjetivar tanto o simbolismo do rito que nosso uso dele ressoa sobre nossas próprias ações, decisões e experiências, e assim distorce a função da fé, que é resvalar-se dos recursos e ações do crente para a graça que é sua em Cristo Jesus; e objetivar tanto a eficácia da bênção do símbolo que identificamos a recepção do sinal com a recepção do que ele significa, e não dar lugar algum à fé que encontra o próprio Cristo revelado no sinal, ou ao ministério contínuo do Espírito. A eficácia do batismo e da Ceia do Senhor não pode ser separada do ministério do Espírito”.

10. DONS PARA O MINISTÉRIO

Existe uma relação entre a ascensão de Cristo e a descida do Espírito assinalando que os dons do Espírito manifestam, externamente, o triunfo e entronização de Cristo. O derramamento do Espírito e os dons marcam o início da Igreja. Esse assunto causa grande controvérsia atualmente. Mas biblicamente o autor mostra que o ministério da Palavra revelatória de Deus é ponto central no exercício de qualquer dom do Espírito. O dom do amor é o modulador ou princípio diretor, imprescindível para o adequado exercício de todos os demais dons. O autor mostra ainda que “os dons espirituais refletem mais a graça do Doador do que a graciosa condição do agraciado (...) Os dons são dados para capacitar os que os recebem a ministrarem a outros”. Os dons relacionados com a tarefa do ministério da palavra da divina revelação são: apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre. Entretanto, de forma geral, o Novo Testamento não analisa a natureza precisa dos dons espirituais, nem sua relação com os indivíduos. Sobre os dons extraordinários o autor afirma: “Os restauracionistas contemporâneos, buscando uma explicação para isso, são levados a concluir, ou que a maioria dos cristãos entre o segundo século e o século vinte [e um] não exerceu fé de uma maneira apropriada, ou que a repetição desses dons pressagia a aurora dos dias finais”. Disserta-se sobre a proposição de Grudem com argumento em prol de dois níveis da profecia que, ainda que não seja convincente, é louvável por promover a unidade e comunhão cristãs. O cessacionismo, aceito pela ortodoxia das igrejas reformadas, é hoje considerado como posição reacionária que inibe o Espírito. O continuismo ou restauracionismo tornaram-se a posição evangélica normativa. Em prol do continuísmo aponta-se: o fato da experiência contemporânea; a inexistência no Novo Testamento de que quaisquer dons do Espírito sejam interrompidos; o cessacionismo implicaria que há duas dispensações distintas; o reconhecimento por Paulo de que a profecia eventualmente cessaria só na segunda vinda. A favor do cessacionismo aponta-se: a falta de explicação teológica convincente para o desaparecimento de determinados dons durante a maior parte da existência da igreja; a evidência de que os dons extraordinários se limitam a uns poucos e curtos períodos na história bíblica, nos quais ocorria uma nova era de revelação pactual; o entendimento da suficiência da Escritura aponta que não há mais necessidade de qualquer revelação adicional como profecias e línguas. Não se nega, porém, a realidade de que Deus continua em atividade no mundo, fazendo coisas maravilhosas em favor de seu povo, especialmente em resposta às suas orações, conservando fielmente suas promessas.

11. O ESPÍRITO CÓSMICO

O Espírito que atuou na Criação, pairando sobre as águas, é o Espírito que atuou na concepção do Messias e veio sobre Maria. O autor aponta que a “obra na vida, no ministério, na morte e

ressurreição de Cristo deve ser vista como a inauguração de uma nova criação através do segundo homem e último Adão; ele é o *Spiritus recreator*". Entretanto é totalmente equivocado o entendimento de que os propósitos de Deus para o mundo como tal, não meramente para os indivíduos, nem ainda para a igreja, e que conduzirão tudo à consumação através de seu ministério. Tal erro leva ao universalismo que é muito comum na teologia moderna. Por outro lado, o Novo Testamento evidencia que de fato o Espírito e o mundo estão num relacionamento antitético, não conciliatório. O mundo não pode ver nem conhecer o Espírito, antes o espírito do mundo e o Espírito de Deus são contrários entre si. Ainda que toda veracidade da verdade divina, mesmo vindo dos lábios dos ímpios, e todos os dons positivos nos vêm de cima, não se pode pressupor que essa é uma evidência da presença salvífica e transformadora do Espírito. Quanto à expectativa do porvir o autor afirma: "o Espírito é dado para nos glorificar; isso não significa "acrescentar" glória como uma coroa que nos é destinada, mas realmente transformar a própria constituição de nosso ser de modo a nos tornarmos gloriosos". Vê-se que Adão é o tipo e Cristo o anti-tipo; Adão é o primeiro de uma raça e Cristo é o primeiro de uma nova raça (a nova humanidade), aquele veio do pó e este vem do céu (celestial). "A presente vida é vivida na tensão entre o "já" e o "ainda-não" da graça, onde a fraqueza da carne e a energia do Espírito habitante estão juntas. Na ressurreição do corpo, porém, essa tensão cessará de existir, pois esse novo corpo é constituído de espiritualidade (...) Havendo habitado o crente na presente era, o Espírito tomará posse absoluta do ser inteiro do crente". No glorioso Dia do Senhor tanto os crentes quanto toda a criação serão plenamente redimidos e então "o papel do Espírito de Deus que tem exercido, na história, a energia executiva do Pai e trouxe glória ao Filho, será visto em seu estado consumado".

Críticas e discordâncias

Em vários momentos o autor faz afirmativas polêmicas e até desnecessárias como: "Cristo, em sua ascensão, chegou a uma posse tão completa do Espírito que o havia sustentado através de seu ministério que, economicamente, o Cristo ressurreto e o Espírito são um para nós". Porém, na explicação do sentido da afirmativa ele apenas referenda algum conceito ortodoxo já bem fundamentado. Neste exemplo mais a frente ele pontua: "Certamente não podemos considerar isso como uma afirmação equivalente à fusão ontológica".

No capítulo 2 o autor afirma: "quando Jesus Cristo anuncia sua retirada dos discípulos, porém lhes assegura que "voltará para eles" (Jo 14.18), ele não está falando de sua ressurreição e reaparecimento, nem de seu antecipado regresso final, mas de sua vinda no dom do Espírito". Entendo que tais verdades podem até ser inferidas da passagem, e, não há como se excluir uma possível intenção de João em um ou em outro sentido. Entretanto creio que as outras possibilidades não deveriam ser desconsideradas. Podemos ver M. Henry comentar que João também poderia estar falando: "...irei a

você na minha ressurreição, não demorarei muito (...) certamente irei no fim dos tempos...”. Clarke também afirma: “...em pouco tempo ele deve voltar (ressuscitar dos mortos) e, após sua ascensão, eles devem se tornar participantes daquele Espírito que seria seu consolador, advogado, mestre e guia para sempre”.

O autor, no capítulo três, afirma: “O Pentecostes marca publicamente a transição do antigo para o novo pacto”. Entendo que seria mais adequado se afirmar que, o Pentecostes marca publicamente a transição da antiga para a nova dispensação da Aliança da Graça (Pacto da Graça), pois o Pacto da graça já é estabelecido e revelado desde Genesis (3.15).

No capítulo 8 afirma-se: “No Novo Testamento, conversão e batismo eram ordinariamente dois aspectos do mesmo evento tanto cronológica como teologicamente”. Entretanto, em várias passagens do Novo Testamento, registra-se o batismo de famílias inteiras (sem excluir as crianças) como se registra em At 16.15; At 16.33 e 1Co 1.16. É muito improvável que nessas famílias não houvesse crianças (que ainda não tinham idade para o arrependimento e conversão), que só se converteriam posteriormente.

No capítulo nove o autor coloca: “O batismo com o Espírito nos introduz na vida de união com Cristo. O batismo com água caracteriza isso externamente”. É desconsiderada a visão pactual (conexão com a circuncisão) do sacramento do batismo. Ao arrazoar sobre tal entendimento afirma-se: “Os dois eventos no Antigo Testamento que são considerados como ‘batismos’ pelo Novo Testamento, ou, pelo menos, como análogos ao batismo, ambos têm a forma de testes com água através dos quais o eleito de Deus desfrutava de livramento, enquanto outros se enquadravam numa maldição. Esse foi o caso de Noé e de sua família (1Pe 3.18-21), e de Moisés e os israelitas (1 Co 10.2)”. O autor se furta a relacionar tais “batismos” veterotestamentários com as alianças às quais se conectam, a saber, a Aliança (Pacto) da Preservação e a Aliança Mosaica (da Lei). Nestes eventos vê-se que Deus não trabalhava apenas com indivíduos, mas com famílias. A salvação não é centrada no homem, mas em Deus. Deus vem para nós e para nossos filhos em amor e graça e coloca sua marca de posse no povo do seu pacto, o batismo.

No último capítulo o autor afirma: “é evidente no Novo Testamento que mesmo o exercício dos “dons espirituais” jamais deve ser identificado com a obra do Espírito na graça salvífica”. Entretanto não oferece sequer uma passagem bíblica para respaldar o entendimento de que, após a dádiva dos dons espirituais, mesmo quem não tem o Espírito, manifeste um dom (verdadeiramente do Espírito). Entendo que seria mais adequada uma diferenciação entre talentos e dons espirituais, sendo estes exclusivos dos regenerados (que tem o Espírito Rm 8.9) e aqueles (ainda que vindos do Senhor) poderiam ser percebidos em todos os homens, crentes ou não.

Pontos em Destaque e apreciação

Ainda que o assunto da pessoa e obra do Espírito Santos continue sendo uma área de controvérsia entre os cristãos, o autor procura, em sua dissertação, conservar ou manter a unidade do Espírito no vínculo da paz. Escreve com um espírito fraterno e respeitoso, ficando claro que as controvérsias mencionadas neste livro, não intentam prejudicar ou atacar outros irmãos.

No capítulo 2, ao dissertar sobre o ministério do Espírito ao longo da vida de Jesus, o autor aponta um ministério contínuo, chegando a presumir, à luz de Lc 2.52 *“crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens”*, que ele deu expressão ao fruto apropriado do Espírito em cada período de seu desenvolvimento humano.

No capítulo sete ressalta-se a grave realidade de que, ainda que os regenerados tenham morrido para o pecado, não podem continuar vivendo nele, isso não significa que a natureza inerente do pecado tenha mudado, ainda que não sejam mais escravos. A presença do pecado ainda não foi erradicada. “Os cristãos estão em relação para com o pecado na mesma tensão escatológica que marca toda a presente vida no Espírito: “seu reinado “já” se findou, mas sua presença “ainda não” foi eliminada”.

É muito importante a advertência dada no capítulo oito no sentido de que, o fato de o Espírito não chamar a atenção para si, não significaria uma proibição para o crente focalizar a atenção sobre o Espírito, ou desenvolver um conhecimento pessoal dele. Antes devemos “conhecê-lo melhor, experimentar a comunhão com ele mais intimamente, não o contrário. Ele deve ser glorificado juntamente com o Pai e o Filho”.